

CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA ENTRE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM EM CURSO EAD

Porto Alegre – RS – 04/2010

Ana Luísa Petersen Cogo

Doutora em Enfermagem; Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – analuisa@enf.ufrgs.br

Conteúdos e Habilidades (B)

Educação Universitária (3)

Relatório de Pesquisa (A)

Investigação Científica (1)

RESUMO

Estudo de caso qualitativo que objetivou avaliar o processo de construção da autonomia entre estudantes de enfermagem no curso “Introdução a anamnese e ao exame físico” orientado pelo referencial epistemológico construtivista e interacionista, na modalidade a distância. Foram participantes do estudo vinte estudantes da quarta etapa do curso de graduação em enfermagem. Os dados foram coletados no Moodle (bate-papo e fórum) e em grupo focal, sendo analisados pela técnica de análise temática. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição. Identificou-se os temas compreensão do outro, visibilidade das ideias, regras de convívio e sentimento de dever. Conclui-se que o trabalho em grupo cooperativo é uma metodologia pedagógica possível para o ensino de enfermagem e decorre do desenvolvimento da moral autônoma dos seus alunos e que, a modalidade a distância conseguiu resgatar uma prática pedagógica ativa, muitas vezes pouco exploradas no ensino presencial.

Palavras-chave: educação a distância; tecnologias educacionais; aprendizagem.

1 - Introdução

Nos últimos anos a aplicação da informática tem-se intensificado no ensino de enfermagem, tanto na modalidade presencial como a distância. Os estudantes de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) possuem conhecimentos de informática, e na quase totalidade, tem acesso à *internet* nas suas residências [1], [2]. Mas apesar do acesso a esses

recursos, os mesmos referem não ter tido a oportunidade de participarem de disciplinas ou cursos de extensão na modalidade a distância [2].

As ofertas de atividades *on line* na enfermagem nos diferentes níveis de ensino (graduação, aperfeiçoamento, pós-graduação) são ainda insuficientes para atendimento da demanda [3]. Observa-se que de uma maneira geral, as atividades mediadas por computador na área do ensino da enfermagem ainda ficam atreladas ao direcionamento do professor, sem explorarem a autonomia dos alunos, a organização de grupos para a solução de problemas e a capacidade criativa que os estudantes poderiam desenvolver. Dessa forma, muitas vezes ocorre a transposição direta das aulas presenciais para o ambiente virtual.

As práticas educativas devem despertar a curiosidade e a criatividade, além de instigarem a resolução de problemas. Essas são, muitas vezes, fragmentações dos saberes que fracionam os conteúdos em especialidades, dificultando aos alunos, e até aos professores, a articulação entre os saberes [4]. E essas considerações são percebidas tanto para as ações do ensino de enfermagem nas modalidades presencial como a distância.

Autonomia, na Teoria da Epistemologia Genética, é entendida como o tipo de moral que se opõe à moral heterônoma. Enquanto a autonomia resulta de relações sociais de reciprocidade, a heteronomia origina-se de ações de coerção. As relações de coerção são impostas externamente aos indivíduos, gerando o sentimento de dever a ser cumprido, pois são regras obrigatórias. As relações de cooperação propõem-se a construir normas ideais fundamentadas na reciprocidade e no respeito mútuo entre os indivíduos [5]. Assim, entende-se que a construção da autonomia deve ser o objetivo das ações educativas, promovida no desenvolvimento de técnicas como o trabalho em grupo cooperativo.

Na condição de educadora na área da enfermagem, venho refletindo sobre como estamos organizando e desenvolvendo as nossas ações docentes. Percebo que as atividades de ensino ainda são voltadas à exposição de conteúdos, sem respeitar os ritmos individuais, e estão pautadas na memorização e não na vivência das múltiplas possibilidades de solucionar um problema. Além disso, os trabalhos em grupos realizados pelos alunos não

desenvolvem a autonomia e a cooperação, pois, muitas vezes, não lhes despertam a criatividade, tornando a atividade desinteressante aos mesmos.

As diretrizes curriculares para os cursos de graduação em enfermagem preconizam a integração de conteúdos, a participação ativa do sujeito da aprendizagem e o uso de tecnologias da informação e da comunicação [6]. Mas observa-se que as atividades de ensino ainda são desenvolvidas, em sua maior parte, de acordo com os pressupostos da pedagogia tradicional

Desenvolveu-se um curso de extensão na modalidade a distância denominado “Introdução à anamnese e ao exame físico de enfermagem” para estudantes de enfermagem da UFRGS que estivessem matriculados na quarta etapa do curso de graduação. O objetivo deste foi o desenvolvimento de um projeto de aprendizagem em ambiente virtual, em uma perspectiva construtivista e interacionista orientada pela teoria da Epistemologia Genética, que propôs-se a estimular a participação ativa dos sujeitos nesse processo, promovendo a autonomia e a cooperação, importantes para a construção de conhecimentos essenciais ao cuidado de enfermagem.

2 - Objetivo

Avaliar o processo de construção da autonomia entre estudantes de enfermagem no curso “Introdução a anamnese e ao exame físico” orientado pelo referencial epistemológico construtivista e interacionista, na modalidade a distância.

3 - Metodologia

Este artigo apresenta o estudo de caso de abordagem qualitativa junto a 20 estudantes de enfermagem que realizaram o curso de extensão denominado “Introdução a Anamnese e ao Exame Físico de Enfermagem”, promovido pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com 60 horas de duração na modalidade a distância de abril a junho de 2008.

Os 20 alunos participantes inscreveram-se no curso voluntariamente, atendendo ao pré-requisito de estarem matriculados na quarta etapa do Curso de Graduação em Enfermagem da mesma Universidade.

O curso, desenvolvido no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle, foi dividido em cinco módulos denominados “trabalhando no Moodle”, “referenciais teóricos da anamnese e do exame físico”, “coleta de informações”, “técnicas propedêuticas do exame físico” e “integrando a anamnese e o exame físico”. A arquitetura pedagógica proposta fundamentou-se no trabalho em grupo, com a disponibilização de hipertextos, de vídeos, de objetos educacionais digitais, do desenvolvimento de mapas conceituais com os recursos do *software* CmapTools, de *wikis*, da comunicação por fórum e bate-papo.

A coleta de dados ocorreu durante a realização do curso, por meio de bate-papo e fórum do Moodle, e durante a técnica de grupo focal. Foram realizados seis encontros com essa técnica, dividindo os alunos em dois grupos com dez componentes. Assim, ocorreram três encontros com cada grupo de alunos.

Os dados foram processados com o apoio do *software* NVivo8®, as falas dos participantes foram identificadas com nome fictícios. Em seguida, os dados foram analisados através da técnica da análise temática, adotando-se as seguintes etapas: organização do material coletado; construção das categorias descritivas iniciais; desvelamento dos sentidos implícitos e contraditórios; reagrupamento das categorias procurando observar tendências e padrões; e busca de relações e inferências em nível de abstração mais elevado [7].

Este estudo relata a subcategoria ‘dinâmicas das trocas sociais’ que integra a tese de doutorado intitulado ‘Construção cooperativa do conhecimento em tecnologias do cuidar em enfermagem: anamnese e exame físico em ambiente virtual’, orientado pela Dra. Eva Néri Rubim Pedro, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (nº 2007811). Os alunos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Portanto, tiveram a sua identidade preservada, sendo assegurado o anonimato, conforme a Resolução 196/96 [8]. Os materiais

produzidos pelos participantes foram identificados por nomes fictícios designados pelos próprios sujeitos.

4 - Apresentação e Discussão dos Dados

Os 20 estudantes de enfermagem que participaram do curso estavam na faixa etária dos 20 aos 28 anos, todos permaneceram no curso do início até sua finalização. Essa foi a primeira experiência de ensino na modalidade a distância que participaram. Oito alunos já haviam cursado na graduação disciplinas que utilizaram AVA. No curso de Graduação em Enfermagem da UFRGS, há disciplinas que disponibilizam materiais bibliográficos e comunicam-se por meio de ambientes virtuais nas disciplinas presenciais.

Constatou-se que os alunos fazem parte de uma geração que convive desde a infância com recursos tecnológicos da era digital. Esse fato confere-lhes certas características que merecem ser destacadas como a troca rápida de informações; a realização de múltiplas tarefas ao mesmo tempo; a realização de leituras hipertextuais; a prática do trabalho coletivo e a expectativa de recompensas frequentes ao atingirem as metas propostas [9].

A subcategoria *dinâmicas das trocas sociais* corresponde às ações que evidenciaram a construção de relações de reciprocidade a partir de regras de respeito mútuo acordadas entre os estudantes, sentimentos constituintes da autonomia. No entanto, em alguns momentos ocorreram situações nas quais a autonomia não se fez presente, dando lugar à heteronomia. Assim constituíram-se os temas *compreensão do outro*, *visibilidade das ideias e regras de convívio* e *sentimento de dever*.

4.1 - Compreensão do Outro

A *compreensão do outro* refere-se a descentração, que significa colocar-se na perspectiva dos colegas ou dos profissionais de enfermagem, realizada pelos estudantes em vários momentos do curso. No primeiro bate-papo discutiu-se um artigo que apresentava a avaliação progressiva de mapas conceituais desenvolvida por estudantes de enfermagem. Eles exploraram essa análise e projetaram como seria fazer uma mapa conceitual, atividade que estava programada naquele módulo do curso, como demonstra no trecho do

diálogo:

PROFESSORA: *agora o aluno está no 5º semestre. Quais as diferenças?*

CATARINA: *ficou bem menos emaranhado*

CATARINA: *mais claro*

GÉFERSON: *eles conseguem articular melhor as idéias*

PROFESSORA: *sofisticou o mapa conceitual*

TIAGO: *menos palavras, para descrever conceitos*

PROFESSORA: *é um MC bem estruturado*

TIAGO: *O seu conhecimento e entendimento sobre o paciente e seu quadro está se tornando mais fácil para o seu estudo*

CATARINA: *o que facilita o trabalho*

GÉFERSON: *ele tem mais conhecimentos e por isso consegue interligar melhor as idéias*

TIAGO: *O conhecimento*

PROFESSORA: *o trabalho fica de melhor qualidade*

TIAGO: *Deu olhar clínico, fica mais apurado*

JÚLIA: *eles podem visualizar de forma clara e concisa e identificar prioridades*

PATRÍCIA: *então eles passaram a relacionar melhor os seus pensamentos.*

[...]

CATARINA: *acredito que se fizermos um agora vai ficar bem melhor que o 1º*

GEFERSON: *acho que teremos que tentar*

JÚLIA: *[...]só não sei se vou conseguir fazer um igual ao do artigo....achei ele bem complexo e completo (Fonte: Bate-papo I, 04.04.2008, 19-20 horas.)*

Ao longo do curso em diferentes momentos observou-se que os alunos realizaram descentração cognitiva, remetendo à natureza ativa e processual da construção do conhecimento, com novas relações que os estudantes vão estabelecendo ao longo da sua aprendizagem [10]. Nesse processo os estudantes colocaram-se nas perspectivas dos enfermeiros ao analisarem práticas hospitalares, como também foi possível no fórum do AVA estabelecerem uma troca de pontos de vistas com colegas, que muitas vezes, nem conversavam nas aulas presenciais.

4.2 - Visibilidade de Idéias

O tema *visibilidade de ideias* demonstrou os sentimentos de respeito mútuo e de reciprocidade desenvolvido entre os colegas do curso. A comunicação no AVA oportunizou que os estudantes exercitassem o convívio e

o respeito frente a diferentes pontos de vista, como observa-se na fala:

CAROLINA – *E eu acho que está sendo bem surpreendente, porque alguns colegas, que nem a Júlia é bem quietinha em aula, mas, por exemplo, no chat ela vai lá e coloca a opinião dela, então a gente acaba se surpreendendo. Agora eu estou conhecendo mais ela, porque ela também é do meu grupo de estágio. Então a gente está convivendo mais, mas outros colegas também já me surpreenderam bastante. Eu, por exemplo, eu sou meio polêmica às vezes, eu tenho a minha opinião e eu, às vezes, eu quero convencer os outros da minha opinião, não sou muito flexível. Daí no chat eu estou me surpreendendo, porque eu vejo pessoas que, eu acho, tão quietinhas, aí chegam ali firmes. Eu estou achando legal.* (Fonte: Grupo Focal I, 28.04.2008, tarde.)

As relações de cooperação, como ocorreram no curso, emergem das relações intra-grupais da consciência das normas ajustadas às pré-estabelecidas e, que somente são possíveis, a partir da racionalidade autônoma entre os pares [5].

4.3- Regras de Convívio

O tema *regras de convívio* apresenta as normas de convivência, que nem sempre ficam explícitas aos estudantes, mas que estão presentes em todas as relações sociais. Destacou-se a postura conciliadora que os estudantes assumiam nas discussões no fórum, como presente nas falas:

PATRÍCIA – *[...] ninguém diz diretamente que discorda. Já publica ideia diferente e quando concorda diz “Eu concordo”. Mas eu acho que existe.*

NATÁLIA – *Eu acho que é bem por aí, tu não dizeres “Eu discordo dela”: tu simplesmente vais colocar ali “Penso assim, penso assado”.*

CATARINA – *[...] a linguagem escrita é completamente diferente da linguagem falada. Tu chegares para uma pessoa “Eu discordo” e escrever para ela “Não concordo, eu discordo do que tu fez” pode soar, sei lá, estranho. A pessoa “Então não vou escrever mais nada, então”.* (Fonte: Grupo Focal II, 09.05.2008, tarde.)

As estudantes exploraram as características do fórum como um gênero textual diferente da oralidade. Para manterem um convívio respeitoso, elas

coordenaram ações tendo cuidado na escrita para que suas interações não fossem prejudicadas ou mal interpretadas. O fórum caracteriza-se por ser um gênero textual digital que oportuniza discussões temáticas e argumentativas, no qual as críticas são marcadas por comentários mais sutis [11].

4.4- Sentimentos de Dever

O tema *sentimentos de dever* refere-se as ações de moral heterônoma, apontado pelos estudantes em duas situações que se fundem: o controle no AVA e nas relações entre colegas. Os estudantes estabeleceram uma diferença entre assistir um curso presencial e participar de um curso ead, como constata-se na fala:

TIAGO – *Acho que no curso a distância, quando é dado um texto, o professor sabe o número de alunos real que tem, e todo mundo vai ter que postar alguma coisa sobre aquilo. Ou seja, o aluno vai ser obrigado a ler aquele texto, entendeu? Porque o professor vai estar acompanhando ele. Já em aula presencial, o professor, muitas vezes, dá um texto e fala que vai discutir em aula na próxima aula. Muitos não leem esse texto, porque na próxima aula ele sabe que o professor não vai pedir a opinião de cada um deles. Um ou outro que leu, esse vai pegar e vai ser o mais participativo. Então isso acomoda as pessoas que preferem aula presencial, digamos assim, eles preferem aula presencial para, como é que eu posso dizer, eles, a pessoa acha que não está sendo cobrada em relação ao curso a distância. Eu vejo assim, pelo menos. A gente vê na prática, assim. (Fonte: Grupo Focal I, 28.04.2008, tarde.)*

O ambiente virtual possibilita ao professor o acompanhamento das atividades realizadas pelos alunos, o que pode produzir nos alunos a sensação de “controle”. As observações oriundas desse acompanhamento permitem ao professor a identificação de dificuldades ou mesmo de características dos participantes. Deve-se considerar também que o ambiente virtual de aprendizagem proporciona a formação de uma comunidade *online* que, por meio das interações sociais entre os alunos, constitui um espaço político, definindo a *comunidade virtual* [12].

Considerações Finais

Nas dinâmicas das trocas sociais, destacou-se a construção da autonomia no processo de aprendizagem dos alunos, o que possibilitou aos mesmos estabelecerem relações de reciprocidade ao se descentrarem das suas perspectivas individuais e procurarem compreender os pontos de vista dos colegas. Eles não apenas buscaram compreender os sentimentos e os comportamentos destes, como também já sinalizaram o entendimento do processo de cuidar em enfermagem a partir das suas vivências em estágios hospitalares.

A reciprocidade e o respeito mútuo, sentimentos fundamentais no desenvolvimento da autonomia dos alunos, foram evidenciados. A dimensão de ouvir, ler e respeitar as ideias dos colegas publicadas no AVA foi uma das vivências destacadas pelos alunos. Na comparação com aulas expositivas presenciais, a dinâmica do curso foi trazida por eles como um dos aspectos que diferenciam as duas modalidades de ensino, o que corrobora as vivências anteriores da pesquisadora com atividades em EAD na enfermagem. No entender dos alunos, o curso proporcionou um espaço para interações qualitativamente mais significativas do que as vivenciadas em aulas do seu curso de graduação, tanto por conhecerem a opinião de cada colega como por se aproximarem da professora.

Conclui-se que o trabalho em grupo cooperativo é uma metodologia pedagógica possível para o ensino de enfermagem e decorre do desenvolvimento da moral autônoma dos seus alunos e que, a modalidade a distância conseguiu resgatar uma prática pedagógica ativa, muitas vezes precárias no ensino presencial.

Referências

- [1] Severo, Carolina L.; Cogo, Ana L.P. Acesso e conhecimento dos acadêmicos de enfermagem acerca de recursos computacionais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 27, n. 4, p. 516-23, 2006.
- [2] Cogo, Ana LP. Construção coletiva do conhecimento em ambiente virtual: aprendizagem da anamnese e exame físico de enfermagem. 2009.160f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

- [3] Rodrigues, Rita C.V.; Peres, Heloísa H.C. Panorama brasileiro do ensino de enfermagem *on-line*. Revista Escola Enfermagem da USP, v. 42, n.2, p. 298-304, 2008.
- [4] Morin, Edgar. Reformar o pensamento: a cabeça bem feita. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. 137p.
- [5] Piaget, Jean. O juízo moral na criança. 2 ed. São Paulo: Summus, 1994. 302p.
- [6] Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 3, de sete de novembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília,DF, 9 de nov. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 18 set 2008.
- [7] Lüdke, Marli; André, Menga E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 100p.
- [8] Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos. 9p., 1996.
- [9] Prensky, Marc. Digital natives, digital immigrants. On the horizon, v.9, n.5, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em 26 mar 2009.
- [10] Montangero, Jacques; Maurice-Naville, Danielle. Piaget ou a inteligência em evolução: sinopse cronológica e vocabulário. Porto Alegre: Artmed, 1998. 242p.
- [11] Paiva, Vera L.M.O.; Rodrigues-Júnior, Adail S. O *footing* do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, Júlio C. (org.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 144-64.
- [12] Anderson, Bill. Writing Power into online discussion. Computers and Compositions, v. 23, p.108-24, 2006.